

Quem é o culpado pela falta de remédios?

Outro dia, Fausto Spina, 84 anos, foi comprar um remédio contra hipertensão e não encontrou. Se ele não fosse o presidente do Sindicato da Indústria de Produtos Farmacêuticos, com certeza iria reclamar, mas conformou-se em substituir o medicamento por um outro de fórmula similar. Na tarde de ontem, em entrevista à imprensa, Spina fez questão de esclarecer o problema às pessoas que como ele não estão encontrando remédios:

— A indústria farmacêutica não é responsável pela falta de remédios. Não estamos produzindo porque está faltando matéria-prima, vidros, tubos para pomadas... E, se a Cacex não liberar as importações, a saúde da população será seriamente prejudicada no decorrer de 1987.

Spina explicou que na próxima terça-feira irá reunir-se com os representantes da Cacex para reivindicar a importação de matérias-primas e insumos básicos no valor de 40 milhões de dólares. "Esta é a única saída para a crise no abastecimento de medica-

mentos", acentuou. "Se o nosso pedido foi liberado, as empresas farmacêuticas terão condições de produzir e, em 30 dias, os problemas causados pela falta de remédios começarão a ser solucionados." Embora esteja otimista, o presidente do sindicato não esconde sua preocupação. Frisou:

— Estamos na dependência das importações. Todos os anos, elas chegam a 300 milhões de dólares. Só que em 1986, com o Plano Cruzado, houve um aumento de 35% na demanda. Fizemos um pedido suplementar em outubro, mas, devido aos problemas da balança comercial, a Cacex não aprovou. O pior é que a falta de medicamentos está sendo sentida tanto entre a população como nos hospitais.

Segundo Spina, a sorte dos doentes brasileiros é que no Brasil não há monopólio de fórmulas. E os médicos, já prevendo a falta de remédios, prescrevem os medicamentos similares. "Se não fosse isto, a crise seria bem pior porque até os analgésicos mais comuns e antitérmicos não estão

sendo encontrados." Explicou ainda:

— Há, no Brasil, 450 empresas farmacêuticas e 18.700 apresentações para 800 marcas de remédios. As indústrias estão tentando suprir a população modificando as embalagens, usando frascos plásticos, mesmo assim a falta de material continuou. Concordamos, inclusive, com o aumento de 40% que os fornecedores brasileiros pediram, um acréscimo que não seria repassado no preço dos medicamentos, só que eles também não estavam preparados para uma produção maior de vidros para atender o nosso setor e só irão começar a fornecer em meados deste ano.

As críticas de que as indústrias farmacêuticas diminuíram a produção em 40% só para conseguir um aumento de preços são ouvidas pelo experiente Fausto Spina — é farmacêutico desde 1925 — com indiferença. Justificou:

— Todos sabem que isto não é verdade. Há muitos anos que as empresas de produtos farmacêuticos não têm tido lucro.